



## Artigos/Articles

# O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia: um estudo sociolinguístico

## *The use of subjunctive mood in adverbial clauses in Popular Portuguese in hinterland of the State of Bahia: A sociolinguistic study*

Dante Lucchesi<sup>1,2</sup>

Vivian Meira<sup>3,4</sup>

### RESUMO

*Desenvolveu-se uma análise sociolinguística da variação no emprego do subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia. O encaixamento da estrutura linguística revelou que as formas do subjuntivo são mais frequentes em duas situações: (i) uma de base morfológica; (ii) outra de base semântica. No plano do encaixamento social, observou-se um quadro de mudança em progresso, em que o*

1. Universidade Federal Fluminense – UFF. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8058-2658>. E-mail: [dante.lucchesi@gmail.com](mailto:dante.lucchesi@gmail.com).

2. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Processo n. 309397/2014-6.

3. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Bahia – Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-6556-5913>. E-mail: [vivianmeira@gmail.com](mailto:vivianmeira@gmail.com).

4. Bolsista de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Processo: 167730/2017-7.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

*subjuntivo é mais frequente na fala dos mais jovens, o que corrobora a hipótese de que a variação no uso das formas marcadas do subjuntivo teve sua origem no processo de transmissão linguística irregular.*

**Palavras-chave:** *Subjuntivo; Oração adverbial; Português popular brasileiro; Sociolinguística Variacionista.*

## ABSTRACT

*In this paper, it was developed a sociolinguistic analysis of the variation in the use of the subjunctive mood in the adverbial clauses in the Brazilian Popular Portuguese based on a sample of vernacular speech in a city of Bahia. From the linguistic point-of-view, the subjunctive-mood forms occur more widely in two situations: (1) one of a morphological component; (ii) the other of semantic component. From the social embedding point-of-view, the research points to a change in progress, in which there is an increased occurrence of usage of subjunctive mood forms in the grammar of younger people, what asserting the idea of a reduction of a flexional morphology in the usage of subjunctive mood by means of Irregular Linguistic Transmission process.*

**Keywords:** *Subjunctive mood; Adverbial clause; Brazilian Popular Portuguese; Variacionist Sociolinguistic.*

## Introdução

Uma das peculiaridades do português falado no Brasil é o seu intenso quadro de variação, especialmente quando se compara as diversas variedades de língua em diferentes regiões. Sabe-se com isso que há, pelo menos, duas realidades linguísticas no Brasil, de um lado, o português popular, que teve sua origem fortemente determinada pela nativização da língua portuguesa pelos escravos africanos e pelos índios aculturados e, de outro lado, o português culto, que é, em grande parte, uma continuação da língua falada pelas elites brasileiras desde a época colonial e do Império.

Assim sendo, o português popular se caracteriza por uma simplificação morfológica que é típica de variedades que se formaram em

uma situação histórica de contato linguístico massivo, como se pode ver, por exemplo, na ampla variação no uso das regras de concordância nominal e verbal, bem como no uso das marcas de indicativo em contexto em que a tradição gramatical recomenda o emprego das formas do subjuntivo.

Neste artigo, são apresentados os resultados de uma análise variacionista do uso do modo subjuntivo no português popular falado no interior do Estado da Bahia. Sabe-se que o valor semântico de irrealidade, próprio do modo subjuntivo, nem sempre é expresso pela flexão verbal, podendo também ser inferido pragmaticamente, ou expresso por meio de outra partícula gramatical. A hipótese aqui adotada assume que a Transmissão Linguística Irregular, desencadeada pelo contato entre línguas (BAXTER; LUCCHESI, 1997, 2006; LUCCHESI, 2009, 2015), produziu uma simplificação morfológica, na formação do português popular, na qual o uso das marcas gramaticais do modo subjuntivo, em função de seu conteúdo semântico mais abstrato, foi severamente restringido. Porém, a crescente urbanização do país, implementada a partir de meados do século XX, promoveu um processo de nivelamento linguístico, em que as formas típicas das normas populares tendem a ser substituídas pelas formas predominantes no universo urbano e letrado, pois essas últimas são difundidas pelas escolas, pelos meios de comunicação de massa, pela necessidade constante de inserção no mercado de trabalho. Nesse processo, o uso das marcas gramaticais do subjuntivo tende a ser incrementado na fala popular.

Além disso, será feito o cotejo com os resultados de uma análise variacionista similar desse fenômeno no português afro-brasileiro desenvolvida por Meira (2009). Se os níveis de emprego do subjuntivo forem mais baixos nessas comunidades, isso favorecerá a hipótese de que historicamente a variação se origina no contato entre línguas, porque as comunidades rurais afro-brasileiras, muitas delas oriundas de antigos quilombos, relacionam-se mais diretamente com situações de contato linguístico mais intenso, do que as demais comunidades do interior do país. Nesse caso, a população do município de Santo Antônio de Jesus estaria mais sujeita à influência da Capital do Estado, que lhe é muito próxima, em um processo de nivelamento linguístico, conforme proposto por LUCCHESI (2001, 2015), em seu algoritmo da *polarização sociolinguística do Brasil*, o qual também será aqui testa-

do, com a contraposição das frequências de uso do subjuntivo nessas duas variedades linguísticas com a frequência na norma culta. O que se espera é uma expressiva diferença nas frequências de emprego das formas marcadas do subjuntivo, o que comprovaria efetivamente uma situação de polarização sociolinguística.

Em função dos reflexos históricos da Transmissão Linguística Irregular, espera-se, no plano linguístico e estrutural, que as formas do modo subjuntivo ocorram com maior frequência junto aos verbos regulares, já que, em situações de contato, é comum a eliminação da alomorfa, que caracteriza a flexão dos verbos irregulares, o que, de certa forma, faria com que os falantes não flexionassem os verbos irregulares, com o emprego, em alguns casos, da forma do infinitivo. Assim, em um contexto de nivelamento linguístico, como o que se observa hoje no português popular brasileiro, a aquisição das formas do subjuntivo seria favorecida pela regularidade flexional dos verbos, e não pela saliência das formas verbais irregulares. Assim sendo, a *regularidade flexional* prevaleceria sobre o *princípio da saliência fônica*, que prevê que a aquisição é favorecida no contexto das formas irregulares, mais salientes em termos morfofonológicos. Esse será um dos parâmetros que orientarão a análise variacionista que visa a identificar os condicionamentos linguísticos e sociais do emprego variável das formas verbais do modo subjuntivo, no português popular do interior do Estado da Bahia. Desse modo, essa pesquisa se justifica na medida em que visa contribuir para a compreensão da realidade linguística brasileira, bem como busca fornecer dados que tentam explicar a origem das variações no nosso português popular, em especial nas marcas de subjuntivo.

Para analisar essa reinserção das marcas gramaticais do subjuntivo na fala popular do interior do Estado da Bahia, este artigo estrutura-se da seguinte forma. Na primeira seção, será apresentada a relação entre a formação histórica do português popular brasileiro e a transmissão linguística irregular e de como esta explica o intenso quadro de variação na língua falada no Brasil. Na segunda seção, será feita uma descrição do emprego das marcas verbais do modo subjuntivo em algumas variedades do português brasileiro. Na terceira seção, serão discutidos os fundamentos teóricos e metodológicos que nortearam esta análise, bem como serão apresentados os resultados encontrados

sobre a variação no emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do estado da Bahia. Na última seção, foram esboçadas algumas considerações sobre o encaixamento linguístico e social do fenômeno variável analisado.

### **1. A transmissão linguística irregular na formação histórica do português popular brasileiro**

Na dimensão social da língua hoje no Brasil, encontra-se um fosso entre a linguagem da elite letrada concentrada nas classes sociais que detêm a maior parte da renda nacional, por um lado, e a linguagem das classes sociais marginalizadas e excluídas do espaço da cidadania e dos direitos sociais, por outro lado. Essa clivagem, que configura o que Lucchesi (2001, 2015) denominou *polarização sociolinguística do Brasil*, decorre sobretudo de mudanças que afastaram a linguagem das classes sociais mais baixas da chamada *norma culta*, usada pela elite letrada. O fato de grande parte dos membros dessas classes mais baixas serem descendentes diretos dos africanos escravizados e dos índios aculturados ao longo do período de formação da sociedade brasileira e que se mantêm em um nível muito baixo de letramento até os dias de hoje explica o caráter das mudanças que afetaram o que tem sido denominado *português popular brasileiro* (PPB). Essas mudanças seriam, portanto, resultantes de um processo de *transmissão linguística irregular* (TLI) ocorrido quando as variedades de segunda língua faladas pelos africanos escravizados e índios aculturados foram se convertendo na língua materna de seus descendentes.

Um processo de TLI como esse pode dar ensejo à formação de uma língua crioula, como aconteceu em vários pontos do Caribe, nas chamadas *sociedades de plantação*, que guardam muitas semelhanças com a sociedade brasileira do período da Colônia e do Império. Porém, as especificidades da sociedade brasileira não possibilitaram que a TLI fosse tão radical e profunda quanto a que deu origem às línguas crioulas do Caribe, como havaiano, o jamaicano, o saramacan e o papiamento, entre muitas outras. Assim, o processo que deu origem ao PPB seria um processo de *transmissão linguística irregular de tipo leve* (BAXTER; LUCCHESI, 1997, 2006; LUCCHESI, 2009, 2015).

Independentemente do seu nível de radicalidade, a TLI está associada a situações de contato linguístico massivo, como as que foram produzidas no bojo da expansão colonial europeia, entre os séculos XVI e XIX, nas quais um grupo dominante minoritário domina um grande grupo de falantes de línguas diversas e ininteligíveis entre si. Na colonização do continente americano, predominaram nesse tipo de situação os colonizadores europeus (portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses), como grupo dominante minoritário, e centenas de povos africanos, com suas centenas de línguas diferenciadas, como integrantes do grupo dominado.

O tráfico negreiro levou para a América, entre os séculos XVI e XIX, cerca de dez milhões de africanos, para o trabalho forçado, como escravos, nas grandes propriedades agroexportadoras de açúcar, algodão e fumo, bem como nas minas de ouro, prata e pedras preciosas. Entretanto, praticamente todas as línguas crioulas hoje reconhecidas como tal se formaram, ou nas plantações, ou nos agrupamentos de escravos foragidos, os quilombos. Ao que tudo indica, a sociedade de mineração não parece ter sido um contexto propício à criouliização.

Desde seu apresamento no continente africano, os escravos eram misturados com o fito de impedir que se comunicassem entre si, usando suas próprias línguas, e tramassem rebeliões e motins (MATTOSO, 2003). Assim, os escravos eram obrigados a se comunicar, até mesmo entre si, usando uma variedade segunda da língua de seus traficantes e senhores, que era adquirida pelos africanos de forma muito restrita, em situações de aquisição muito adversas. Um dos principais fatores que restringiam a aquisição da língua do grupo dominante europeu pelos escravos era a grande desproporção entre europeus e africanos. Nas situações típicas de criouliização, o grupo dominante europeu corresponderia a menos de dez por cento do total da população. Inicialmente os escravos adquiririam um restrito vocabulário da língua do grupo dominante (a *língua alvo*), praticamente desprovido de estrutura gramatical, o que é denominado *jargão* ou *pré-pidgin* (SIEGEL, 2008).

Além do limitado acesso à língua alvo, os escravos, na maioria das vezes, também não buscavam falar como seus senhores e capatazes falavam, sobretudo quando usavam o pré-pidgin para se comunicarem entre si.

Independentemente da maneira como se formam, as línguas crioulas possuem uma estrutura fonológica e gramatical qualitativamente distintas da língua europeia da qual recebeu a maior parte do seu vocabulário, por isso denominada *língua lexificadora*. Assim, as línguas crioulas expressam os valores das categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto por meio de partículas pré-verbais, e não por meio da flexão verbal, como ocorre nas línguas lexificadoras europeias. Toda essa reestruturação gramatical que caracteriza a formação das línguas crioulas ocorreu em situações sócio-históricas bem específicas, com uma profunda segregação e marginalização da comunidade crioulofona.

Na história sociolinguística do Brasil, os processos de pidginização e crioulição foram efêmeros e localizados (RODRIGUES, 2006). Dentre os fatores que inibiram a crioulição do português no Brasil, podem ser destacados:

- (i) a proporção de um terço de falantes da língua dominante em relação ao total da população, no período da Colônia e do Império (mais de três vezes maior do que a proporção nas situações típicas de crioulição);
- (ii) uma estrutura socioeconômica menos polarizada do que a estrutura típica das sociedades de plantação, havendo no Brasil um largo contingente de pequenos proprietários que possuíam em média de três a cinco escravos;
- (iii) uma maior assimilação dos filhos dos africanos (os *crioulos*), na sociedade branca; e
- (iv) o elevado grau de miscigenação, já que os mulatos e pardos eram ainda mais bem aceitos que os crioulos negros.

Porém, não se pode desprezar os efeitos da nativização do português entre os descendentes dos índios aculturados e africanos escravizados, processo que vai dar origem ao que se denomina atualmente português popular do Brasil. O PPB não resulta do processo radical de transmissão linguística irregular que ocorre na crioulição, mas de um processo de TLI mais leve (LUCCHESI, 2009, 2015).

O que diferencia esses casos de *transmissão linguística irregular de tipo leve* (TLIL) e os casos de crioulização típica é o maior acesso dos falantes dos grupos dominados e seus descendentes aos modelos da língua alvo, o que inibe os processos embrionários de gramaticalização e de transferência do substrato, essenciais para a formação original da gramática das línguas crioulas. O que haveria em comum nos dois casos seria uma simplificação morfológica que atinge sobretudo os mecanismos gramaticais sem valor informacional, ou com um valor semântico mais abstrato e com pouca substância fonética. Haveria apenas uma diferença quantitativa, já que na crioulização esses mecanismos seriam virtualmente eliminados, enquanto que a TLIL daria origem a um amplo processo de variação no uso desses mecanismos gramaticais, sem que haja, contudo, sua eliminação.

Essa formulação permite compreender adequadamente como o contato entre línguas produziu as diferenças que separam a linguagem popular da norma culta no Brasil atualmente. No caso do uso das formas verbais do subjuntivo, que será analisado aqui, a TLIL estaria na origem do uso mais restrito das formas do subjuntivo na fala popular, comparado ao uso culto, com o largo emprego das formas não marcadas do indicativo, sobretudo quando o valor modal do subjuntivo já está expresso em outra partícula gramatical na oração.

## 2. O emprego do modo subjuntivo no português brasileiro

Segundo a tradição gramatical, o modo subjuntivo é empregado nos contextos que indicam hipótese, irrealidade, dúvida, incerteza, em contraposição ao modo indicativo, que indica fato e noções de certeza e realidade (BECHARA, 2006; CUNHA ; CINTRA, 2007). Nesse caso, a tradição gramatical se coaduna com a visão geral de que o subjuntivo é o modo *irrealis* e o indicativo, o *realis*. Porém, o que se deve destacar é que, no uso concreto da língua portuguesa no Brasil, não se observa essa correspondência biunívoca entre conteúdo semântico *irrealis*, no significado, e forma do subjuntivo, no significante.

O uso do subjuntivo em contextos que indicam diversos níveis de irrealidade é variável em todas as variedades do português do Brasil,



inclusive, na norma culta, o que tem sido atestado por pesquisas sociolinguísticas.

Carvalho, Araújo e Neto (2017), ao analisarem o uso variável do presente do subjuntivo nos contextos de orações substantivas e orações dubitativas com *talvez*, na norma culta de Fortaleza, com base em 17 entrevistas, observaram o uso variável das marcas subjuntivas nos seguintes contextos: verbos como *permitir*, *pedir* e *deixar* tiveram 70% de uso do subjuntivo; orações dubitativas com *talvez*, 70,8%; orações com verbos volitivos, 100% de uso de subjuntivo.

Pimpão (1999, 2012) observou, em dados do projeto VARSUL, que a frequência de uso do subjuntivo acompanha o grau de escolaridade do falante. Informantes de Florianópolis e Lages pertencentes ao Colegial usaram o subjuntivo em 66% dos contextos por ela analisados, com peso relativo de .611. Ao passo que aqueles pertencentes ao Primário/Ginasial usaram formas subjuntivas em 53%, com peso relativo de .439.

Meira (2006), ao analisar dados da fala de quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, registrou que, nos contextos de completivas, o subjuntivo foi usado em 43% dos contextos com verbos volitivos; 39%, nos causativos; e 09%, nos contextos de cognitivos. Foi um total de 29% de uso do subjuntivo nas orações completivas, nessa variedade do português popular.

Embora se observe em todas as variedades da língua no Brasil, a variação no emprego do modo subjuntivo exibe uma gradiência que é determinada pelas especificidades sócio-históricas de cada variedade linguística considerada. Nos estudos acima, por exemplo, a norma culta exibe a maior frequência de emprego do modo subjuntivo, ao passo que a menor frequência de uso é encontrada na fala de comunidades formadas por descendentes diretos de escravos africanos que se mantiveram em relativo isolamento em localidades pouco acessíveis do interior do país. A variedade linguística dessas comunidades, denominada *português afro-brasileiro*, seria exatamente aquela que deveria refletir mais nitidamente os eventuais reflexos do processo de TLIL ocorrido na formação histórica da realidade sociolinguística brasileira (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

Como se viu na seção anterior, o principal resultado da TLIL é a simplificação morfológica, na qual marcas gramaticais sem conteúdo semântico referencial ou com um conteúdo semântico mais abstrato deixam de ser usadas. Tal é o caso do emprego das formas verbais do subjuntivo, a forma marcada para modo, especialmente nos contextos em que a informação do modo *irrealis* pode ser recuperada pragmaticamente, ou já é expressa lexicalmente, ou por meio de outra partícula gramatical.

Assim, esta análise apresenta dados de variação no uso do modo subjuntivo no português popular do município de Santo Antonio de Jesus, no interior do Estado da Bahia, como ilustrada nos seguintes exemplos retirados da amostra de fala analisada

(1)

- a. “Vorta Edézio!” eu digo: “Vortá agora não, só vorto **quando tivé** meu carro!”
- b. Muitas vez tem um... a gente tira em quarqué lugá e... e **se eles qué fazê** é assim...
- c. **Se um pé-de-laranja ‘tivé doente**, ele vai sê ‘liminado...
- d. ... **a hora que ele dá uma parede pra rebocá**, aí meu primo reboca, aí meu veí essa parede eu reboquei ...
- e. **Se eu tivesse trabalhano também pra me sustentá**, eu... como eu tô, então eu...
- f. Foi, é. **Se eu me caso moderno**, acho que eu já tinha tataraneto!
- g. **Se dependê da minha força**, eu num vô morrê tão cedo.
- h. (...) Eu bati no colo da criatura! **Se bate na quina da... da... do banco tinha morrido**, que ia batê era a nuca aqui, ó, na quina do banco...
- i. foi como eu tava falano ôto dia, mesmo **se a gente fazê aí um... trabalhá** ô aqui, ô fazê um vão lá na frente puxado...
- j. ... a gente tem que tê o controle, tomá o remédio... o medicamento pra não avançá, poque **se passa p’esses órgos todos**, a gente já com o coração afetado num ‘güenta, né?

Na próxima seção, serão apresentados os resultados encontrados sobre a variação no uso das marcas de subjuntivo no português popular da Bahia.

### 3. Fundamentos teóricos e metodológicos da análise variacionista do uso do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia

A hipótese de que o uso limitado das formas verbais do modo subjuntivo no PPB tem sua origem no processo de TLIL que determina a formação dessa variedade da língua no Brasil é testada empiricamente em uma análise variacionista que assenta nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008[1972], 1994, 2001). Com base em uma amostra de fala vernácula de falantes com pouca ou nenhuma escolaridade do município de Santo Antonio de Jesus, na região do Recôncavo Baiano, está sendo feita uma análise em *tempo aparente*, que tem entre seus principais objetivos fazer um diagnóstico do processo variável analisado, em função do binômio *variação estável* e *mudança em progresso*. O que se espera encontrar é um processo de mudança em progresso, no qual o uso das formas marcadas do subjuntivo esteja sendo incrementado, sobretudo na fala dos indivíduos mais jovens, refletindo, assim, o processo de *nivelamento linguístico*, hoje em curso no PPB, no qual as formas produzidas no passado pela TLIL estariam sendo substituídas pelas formas do uso hegemônico nos grandes centros urbanos, que estão se difundindo para todas as regiões do país (LUCCHESI, 2001; 2015).

A amostra de fala vernácula que foi analisada aqui integra os acervos do Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, criado e coordenado por Dante Lucchesi, na Universidade Federal da Bahia ([www.vertentes.ufba.br](http://www.vertentes.ufba.br)). Essa amostra é composta por vinte e quatro entrevistas de tipo sociolinguístico, feitas com falantes com pouca ou nenhuma escolaridade da sede e da zona rural do município baiano de Santo Antônio de Jesus.

O município de Santo Antonio de Jesus faz parte do chamado Recôncavo Baiano, próximo da capital, Salvador, e foi emancipado no ano de 1880. Atualmente, possui cerca de oitenta mil habitantes. Com apenas 187 km de distância de Salvador, por via terrestre, e 90 km, por via marítima, a cidade de Santo Antonio de Jesus ficou marcada pelo crescente desenvolvimento, em meados do século XX, tanto na parte administrativa e cultural, quanto na área comercial e industrial, notabilizando-se como uma importante cidade da sua região. A estra-

da de ferro, inaugurada em 1952, ligava essa cidade a várias outras e deu grande impulso ao comércio local, impulsionando o crescimento urbano.

Os dados de fala coletados nessa cidade podem refletir como a crescente urbanização tende a desencadear um nivelamento na língua, tendo como base a norma difundida por grandes centros, já que Santo Antonio de Jesus situa-se muito próxima da capital do Estado, Salvador. A hipótese nesse caso é a de que os padrões de comportamento linguístico desse município estejam mais próximos do padrão urbano culto, por estar muito próximo a Salvador, grande centro urbano, do que dos padrões de comunidades afro-brasileiras, por exemplo, também situadas no interior do Estado.

A seleção de informantes para compor a amostra de fala analisada foi estratificada, considerando as variáveis faixa etária (Faixa I, 25 a 35 anos; Faixa II, 45 a 55 anos, e Faixa III, mais de 65 anos); sexo (masculino e feminino) e local de moradia (sede urbana ou zona rural). Foram entrevistados dois indivíduos de cada sexo, em cada faixa etária, tanto na sede do município, quanto na zona rural, perfazendo um total de doze entrevistados em cada localidade. Embora não tenham integrado a estratificação da amostra, também foram consideradas as seguintes variáveis sociais: *estada fora da comunidade* (opondo os indivíduos que nunca viveram fora da comunidade àqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade) e *nível de escolaridade* (distinguindo os analfabetos dos semianalfabetos).

O fenômeno analisado foi a variação no uso das formas verbais do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais, nos contextos em que a prescrição gramatical determina o uso do subjuntivo, como exemplificado no conjunto de sentenças a seguir:

(2)

- a. Que **se a gente recusá umas pessoa dessa, virá** as costa pruma pessoa dessa, o que que a gente vai... vai recebê lá mais tarde?
- b. ... que hoje em dia **se você num trabalha**, você num come, **se você ficá em casa**, cê vai comê de que? Esperá caí do céu?
- c. Não, mas aí é diferente, aí vai tê uma garantia, supô, **se você faz**, você vai pagá, supô, cinco mil por... por ano daquele empréstimo...

O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português...

Assim, definida a variável dependente, foi feito o levantamento exaustivo de todas as ocorrências do fenômeno variável em foco na amostra de fala analisada. Foram eliciadas 650 ocorrências de orações adverbiais, nas quais a tradição gramatical recomenda o uso do subjuntivo. Os resultados quantitativos da variável dependente são os apresentados na Tabela 01:

**Tabela 01** – A variação no emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus - Ba

Orações adverbiais	Nº de ocorrências/Total	Frequência
Forma do subjuntivo	505/650	77,7%
Forma do indicativo	145/650	22,3%

De acordo com a Tabela 01, as marcas de subjuntivo são usadas com uma frequência superior a 75 pontos percentuais no português popular de Santo Antônio de Jesus, o que confirma a hipótese de que essa comunidade, por estar mais próxima de grandes centros, como Salvador e pela crescente urbanização processada no município na segunda metade do século XX, encontra-se em um estágio avançado de assimilação das formas da norma urbana culta, como mostram os dados em (3) marcados morfologicamente pelo modo subjuntivo.

(3)

- a. **Se tivé choveno assim**, já tá bom, mas **se o só ‘tivé aberto**, o povo diz que num qué não, que já pegô o verão.
- b. Num tava novo novim, não, mas **se tivesse com saúde...**

Esses dados contrastam com o encontrado no português afro-brasileiro para as ocorrências de completivas. Na Tabela 02, observa-se que, do total de ocorrências de completivas na variedade afro-brasileira, as formas subjuntivas foram registradas em apenas 3% do total, o que delinea o quadro de variação entre essas variedades do português, mesmo que em contextos diferentes.

**Tabela 02** – Frequência de uso do subjuntivo e do indicativo do total geral de ocorrências das completivas no português afro-brasileiro

VARIANTE	Nº de ocorrências	Frequência
Formas do subjuntivo	23/858	03%
Formas do indicativo	835/858	97%

Fonte: Meira (2006, p. 245)

Para analisar o encaixamento do processo variável na matriz da estrutura linguística da comunidade de fala, foram consideradas as variáveis linguísticas:

- (i) tipo de oração em que está inserido o verbo (condicional, final, concessiva, comparativa, conformativa, optativa, orações com *talvez*, orações com demais advérbios de dúvida, temporal);
- (ii) nível de realidade do evento contido na oração adverbial (contrafactual, irreal, hipotético, real, ocorrido, pressuposto);
- (iii) localização temporal do evento expresso na oração adverbial em relação ao momento da enunciação (anterior, simultâneo e posterior ao momento da enunciação);
- (iv) morfologia verbal (verbo regular e irregular);
- (v) concordância verbal de número e pessoa (com concordância, sem concordância e não se aplica);
- (vi) pessoa do sujeito da oração adverbial (1ª, 2ª e 3ª pessoas singular/plural, impessoal).

Definidas as variáveis linguísticas independentes, os dados foram codificados e submetidos ao tratamento quantitativo do programa estatístico GoldVarb, de cálculo multivariado, que seleciona quais variáveis têm uma interferência estatisticamente significativa sobre o fenômeno analisado e mensura o peso relativo de cada fator selecionado, considerando a ação simultânea de todos os demais fatores considerados relevantes (TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007). Assim, o

programa GoldVarb selecionou as seguintes variáveis linguísticas como estatisticamente significativas: tipo de oração adverbial, localização temporal e morfologia verbal. Entre as variáveis sociais consideradas nesta análise, o programa selecionou apenas a variável faixa etária. Na próxima seção, analisamos os resultados das variáveis linguísticas independentes e, na seção seguinte, apresentamos os resultados da variável social.

#### **4. O encaixamento estrutural da variação no uso do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia**

O tipo de oração tem se mostrado uma variável relevante no condicionamento do emprego das formas subjuntivas nas orações subordinadas adverbiais, sendo que os contextos que indicam dúvida e condição favorecem o uso do subjuntivo, o que confirma a relação entre o sentido de irrealidade e o uso desse modo verbal.

Para Pimpão (2009), orações temporais, condicionais e contrafactuais estão inerentemente sob o escopo da modalidade *irrealis*. Com base nessa visão, a variável foi estruturada inicialmente com os seguintes valores: oração subordinada adverbial temporal, condicional, final, concessiva, comparativa, conformativa, optativa, orações com *talvez* e orações com demais advérbios de dúvida. Na amostra de fala analisada, não ocorreram os seguintes tipos de oração: adverbial final, conformativa, orações com advérbios de dúvida. Por outro lado, em função do baixo número de ocorrências e da semelhança em seu caráter, foram reunidas as ocorrências das orações condicionais com as comparativas, por um lado; por outro lado, foram reunidas, sob o rótulo de *orações que exprimem dúvida*, as ocorrências das orações com o advérbio *talvez* e outras formas que exprimem dúvida, as orações optativas e as orações adverbiais concessivas. Com essa estruturação final, a variável exibiu os seguintes resultados do cálculo multivariado dos dados, apresentados na Tabela 03.

**Tabela 03** – O uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus – Ba, em função da variável tipo de oração adverbial (nível de significância: .037)

Tipo de Oração	Nº de ocor./Total	Frequência	Peso Relativo
Orações que exprimem dúvida	19/26	73,1%	.641
Or. Adv. Condicional	397/455	87,3%	.623
Or. Adv. Temporal	89/169	52,7%	.191
<b>TOTAL</b>	<b>505/650</b>	<b>77,7%</b>	<b>.828</b>

Os resultados dos pesos relativos indicam que as orações que exprimem dúvida e as orações condicionais favorecem o emprego das formas do subjuntivo, com os valores de .641 e .623, respectivamente. Houve uma inversão em relação às frequências absolutas, nas quais as condicionais, conforme exemplo (4a), se mostraram mais favoráveis ao emprego do subjuntivo, com 87,3% do total, enquanto a frequência de emprego do subjuntivo caiu de 77,7% no geral na totalidade dos dados, para 73,1%, com as orações que exprimem dúvida, como nos dados (4b, 4c). Assim, essas orações, aparentemente, desfavoreceriam o emprego do modo subjuntivo.

(4)

- a. **Se eu não fosse** pra lá não tinha minhas coisa hoje em dia.
- b. **Tomara ele ir** em cima daquele negoço de que... de que ele ficá com medo.
- c. Mas naquele tempo **talvez não era o tempo de hoje**,...

Porém, o cálculo multivariado do processamento quantitativo dos dados do Programa GoldVarb mensura o peso simultâneo de todos os fatores dos grupos considerados na análise. Quando há uma superposição de fatores de grupos distintos, o programa pondera os pesos de cada grupo específico, em função da influência simultânea de todos os demais fatores. Neste caso específico, essa superposição se revelou no cruzamento deste grupo de fatores com os fatores da variável *localização temporal do evento referido em relação ao momento da enunciação*. Como se verá adiante, a referência a eventos posteriores e



anteriores ao momento da enunciação favorecem o emprego das formas do subjuntivo, enquanto a referência a eventos simultâneos favorece fortemente o emprego de formas do indicativo. Quando o programa cruzou as duas variáveis, aumentou significativamente o peso relativo do fator *orações que exprimem dúvida*. Uma interpretação bem provável para isso seria o fato de boa parte das orações que exprimem dúvida se referirem a eventos simultâneos ao momento da enunciação, como ilustrado nas seguintes sentenças.

(5)

- a. **Quem sabe eu não posso...** surgí um emprego pra mim com qualque outra coisa.
- b. 'Brigado! Deus que... **Deus que lhe abençõe.**
- c. ... Isso que dá a graça, né? **Que Deus nos dá a saúde pra...**
- d. **Deus ajude**, eu tô numa lida pra recebê a minha.
- e. ... **Deus ajude que veja**, mas ela nunca vai vê mais esse dinheiro.

Por outro lado, as orações adverbiais temporais revelaram-se um fator que desfavorece bastante o emprego das formas do subjuntivo, pois o uso de formas do indicativo corresponde a quase a metade das ocorrências com esse tipo de oração e a frequência de uso do subjuntivo nesse contexto é de apenas 52,7%, o que se refletiu no peso relativo bem baixo de .191, o que significa um fator altamente desfavorecedor.

Os resultados que obtivemos com o português afro-brasileiro também seguem nessa direção: orações temporais desfavorecem mais o uso do subjuntivo do que contextos de condicionais, como mostra a Tabela 04 a seguir:

**Tabela 04** – Uso das formas do modo subjuntivo em orações subordinadas completivas, relativas e adverbiais junto a expressões de dúvida no português afro-brasileiro segundo a variável tipo de oração em que está inserido o verbo (Nível de significância: .016).

Tipo de oração	Nº de oc. / Total	Freq.	P. r.
Optativa	25/32	78%	.81
Subordinada adverbial condicional	352/513	69%	.71

<b>Tipo de oração</b>	<b>Nº de oc. / Total</b>	<b>Freq.</b>	<b>P. r.</b>
Subordinada adverbial temporal	82/300	27%	<b>.31</b>
Orações completivas	22/78	28%	<b>.31</b>
Orações relativas	37/157	24%	<b>.26</b>
Com <i>talvez</i> e expressão de dúvida	02/19	11%	<b>.10</b>
<b>TOTAL</b>	533/1128	47%	---

Fonte: Tabela retirada de Meira (2009)

Como no português popular, na variedade afro-brasileira, as formas subjuntivas são mais recorrentes nos contextos de condicionais e menos usadas nas temporais. Com relação aos contextos com *talvez* e orações optativas, no português popular, amalgamamos esses dois grupos o que pode ter levado a uma frequência maior nessa variedade e menor no português afro-brasileiro.

De qualquer forma, esses resultados indicam que há motivações semânticas para o emprego do subjuntivo nesses contextos, já que as condicionais, optativas e aquelas orações que exprimem dúvida indicam algo não realizado, ligadas às noções semânticas de desejo, dúvida e hipótese, valores semânticos inerentes ao subjuntivo, o que ratifica a relação desse modo com proposições com traço semântico de irrealidade.

Pimpão (1999) desenvolveu uma pesquisa sobre a variação no uso do presente do modo subjuntivo a partir de um *corpus* constituído por trinta e seis informantes, naturais da região sul do país, *corpus* este que faz parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do País) e, ao intercalar os contextos de orações adverbiais e do advérbio *talvez* com contextos de *irrealis*/Futuridade e *realis*/atemporalidade-incerteza e pressuposição, encontrou os resultados descritos na Tabela 05:

O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português...

**Tabela 05** – Frequência de uso do subjuntivo intercalada com contexto de futu-  
ridade, atemporalidade, incerteza e pressuposição

CONTEXTOS	Irrealis-Futuridade	Realis-atemporalidade- incerteza-pressuposição
Cláusulas Adverbiais	15/19 - 79%	22/56 - 52%
Advérbio <i>talvez</i>	11/14 - 79%	13/22 - 59%

Fonte: Tabela retirada de Pimpão (1999)

Esses resultados corroboram a hipótese de que o uso do subjuntivo é desencadeado por motivações semânticas ligadas aos contextos de irrealidade e de incerteza.

Prosseguindo no escrutínio do encaixamento estrutural do uso das formas verbais do modo subjuntivo, foram analisados os resultados da variável *localização temporal*, que foi estruturada com os seguintes valores: referência a eventos anteriores, simultâneos e posteriores ao momento da enunciação. A hipótese adotada foi a de que a referência a um evento posterior ou anterior tenderia a favorecer o uso do subjuntivo, já que são eventos mais distantes ao momento da enunciação, o que se confirmou na análise quantitativa dos dados, conforme ilustrado na Tabela 06:

**Tabela 06** – O uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus – Ba, em função da variável localização temporal do evento referido em relação ao momento da enunciação (nível de significância: .037)

Localização Temporal	Nº de ocor./Total	Frequência	Peso Relativo
Anterior à enunciação	115/132	87,1%	.593
Simultâneo à enunciação	44/81	54,3%	.179
Posterior à enunciação	346/437	79,2%	.542
<b>TOTAL</b>	<b>505/650</b>	<b>77,7%</b>	<b>.828</b>

Contextos localizados em um momento anterior ou posterior ao momento da fala tendem a indicar enunciados não factuais, desencadeando algumas vezes ideias hipotéticas, prováveis, irreais, noções inter-relacionadas com a expressão de modo subjuntivo. A seguir, alguns exemplos desses contextos:

(6)

- a. ... Aquilo se fosse eu, **se eu fosse o presidente cortava muito... muito capítulo da novela**, eu num deixava não!
- b. Mas **se fosse pa trabalhá** assim mesmo só na costura sem ôtra coisa, eu acho que ainda eu fazia alguma coisa.
- c. ... 'Cê tem que olhá pa velhice, **enquanto a pessoa é moderno é** uma coisa...
- d. ... **enquanto teu pai tivé trabalhano** ó, pede a Deus que dê força pra ele 'guentá ó, e levá o barco, empurrá o barco!"
- e. Velho que ele ó, 'guente remá o barco, **enquanto ele 'guentá pa você é bom**", né não?
- f. ... ele tem que vim, a gente aperta na parede, pá... porque **se não for assim** num sorta o leite.
- g. "Olhe, num saia não!", eu digo: "Eu num saio não! Eu fico aqui **até quando você vim me pegá!**".
- h. E pedindo a Jesus que me... **se fô do agrado Dele**, Ele me deixe passá mais uns anos aqui, porque a coisa aqui é gostosa!

Os mesmos resultados, embora numa frequência menor de uso de marcas de subjuntivo, foram encontrados na análise das orações adverbiais no português afro-brasileiro (cf. MEIRA, 2009). A localização posterior e anterior ao momento da enunciação favoreceram o emprego do subjuntivo, com 63% e 49%, respectivamente, ao passo que nos contextos de simultaneidade ao momento da fala foi encontrado apenas 21% das marcas de subjuntivo, conforme demonstrado na Tabela 07:

O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português...

**Tabela 07** – Uso das formas do modo subjuntivo em orações subordinadas adverbiais e junto a expressões de dúvida no português afro-brasileiro segundo a variável localização temporal do evento expresso na oração adverbial em relação ao momento da enunciação. Nível de significância: .017.

Localização temporal	Nº de oc. / Total	Freq.	P. r.
Posterior	344/548	63%	.67
Anterior	100/205	49%	.47
Simultâneo	30/141	21%	.07
<b>TOTAL</b>	474/894	53%	---

Fonte: Tabela retirada de Meira (2009)

Pimpão (2017) aponta, tendo como base resultados de diferentes pesquisas sociolinguísticas realizadas sobre o português falado no Brasil, que o uso do modo subjuntivo tem sido registrado em dois tipos de contextos em especial: aqueles de projeção futura e aqueles de pressuposição, o que a leva a sugerir que o subjuntivo não é estritamente o modo da incerteza, mas antes poderia ser considerado o modo da projeção futura e, em alguns casos, o modo que se aproxima de situações consideradas certas e reais, especialmente em alguns contextos de orações concessivas e causais. E a autora sugere que o subjuntivo está mais propenso a ser usado quando futuridade e incerteza estiverem presentes.

No que concerne à variável regularidade da flexão verbal, os verbos regulares favorecem a aquisição das formas subjuntivas, nas comunidades afro-brasileiras (MEIRA, 2009), prevalecendo a regularidade sobre o princípio da saliência fônica, como demonstrado na Tabela 08:

**Tabela 08** – Uso das formas do modo subjuntivo em orações subordinadas adverbiais e junto a expressões de dúvida no português afro-brasileiro segundo a variável morfologia verbal (Nível de significância: .017)

Flexão verbal	Nº de oc. / Total	Freq.	P. r.
Regular	218/353	62%	.60
Irregular	256/541	47%	.43
<b>TOTAL</b>	474/894	53%	---

Fonte: Tabela retirada de Meira (2009)

Os resultados encontrados nesta análise do português popular do interior do Estado da Bahia caminham nessa mesma direção. Verbos regulares tendem a favorecer o uso das marcas de subjuntivo, com peso relativo de .659, enquanto o emprego das formas subjuntivas com verbos irregulares tem o peso relativo de apenas .408, como ilustrado na Tabela 09:

**Tabela 09** – O uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus – Ba, em função da variável morfologia verbal (nível de significância: .037)

Localização Temporal	Nº de ocor./Total	Frequência	Peso Relativo
Verbo regular	203/235	86,4%	.659
Verbo irregular	302/415	72,8%	.408
<b>TOTAL</b>	<b>505/650</b>	<b>77,7%</b>	<b>.828</b>

Em situações de contato linguístico, é mais frequente que falantes façam uso das regras das formas regulares, eliminando a alomorfa, que caracteriza a flexão dos verbos irregulares. Muitas vezes, a flexão dos verbos irregulares é substituída pelo emprego das formas verbais do infinitivo, como exemplificado no conjunto de sentenças a seguir:

(7)

- a. **Então se dizê**, pega uma... uma bichinha dessa, nin... pará todo mundo, aí vai ficá difícil, né?
- b. **se... se a senhora fazê cem quilo**, aí paga vinte, é descontado vinte quilo.
- c. **E se fazê duzentos quilo** é quarenta quilo que a gente paga a casa de farinha, e assim por diante.
- d. ... **se dizê “moro lá em Sant’ Antônio... morro aí no bairro Irmã Dulce...”,** ninguém qué dá um dia de trabalho...
- e. ... **Se a senhora podê pagá** é cento e cinquenta... duzentos, pa ficá com trezentos.
- f. ...foi como eu tava falano ôto dia, **mesmo se a gente fazê** aí um... trabalhá ô aqui, ô fazê um vão lá na frente puxado, tem que investi(r) ...

Os resultados encontrados nas variáveis linguísticas ratificam a ideia de que o uso do subjuntivo é condicionado pelos parâmetros semântico e morfológico, conforme já atestado em análises anteriores. Na próxima seção, será focalizado o encaixamento social do uso variável do modo subjuntivo no português popular do interior do Estado da Bahia.

### 5. O encaixamento social da variação no uso do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia

A única variável social cuja influência sobre o fenômeno estudado foi considerada estatisticamente significativa pelo processamento quantitativo do programa de cálculo multivariado foi a faixa etária, e os seus resultados indicaram que o uso das formas do subjuntivo parece estar se incrementando na comunidade de fala analisada, alterando uma situação do passado, quando teriam predominado as formas do indicativo, em função das mudanças ocorridas no processo de TLIL, com a nativização das variedades L2 do português faladas pelos escravos africanos entre seus descendentes. A tendência atual de aquisição das formas do subjuntivo na fala dos atuais afrodescendentes se evidencia quando se comparam as frequências de uso da Faixa III com as da Faixa I, como se pode ver na tabela 10:

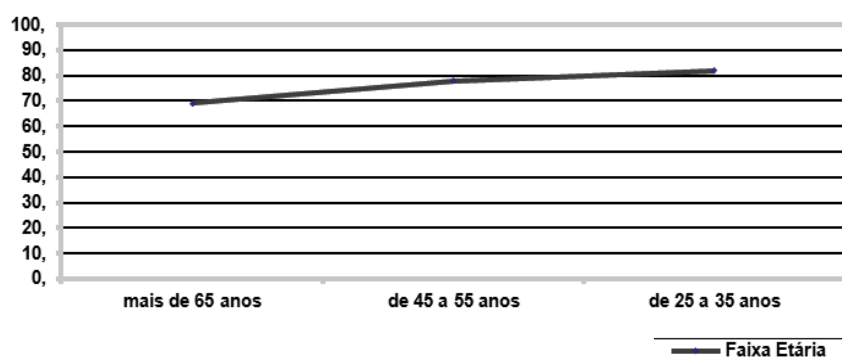
**Tabela 10** – O uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus – Ba, em função da variável faixa etária (nível de significância: .037)

Faixa Etária	Nº de ocor./Total	Frequência	Peso Relativo
25 a 35 anos	196/239	82,0%	.540
45 a 55 anos	206/262	78,6%	.535
Mais de 65 anos	103/149	69,1%	.376
<b>TOTAL</b>	<b>505/650</b>	<b>77,7%</b>	<b>.828</b>

A frequência de uso do subjuntivo sobe de menos de 70% na faixa III para mais de 80%, na faixa I, o que se reflete nos pesos relativos de .376 e .540, respectivamente. Esse processo de mudança seria o resultado da crescente influência linguística dos grandes centros urbanos sobre todas as regiões do interior do país, que se intensifica a partir da segunda metade do século XX, com isso altera-se a realidade linguística pretérita predominante entre os segmentos populares. Formadas em situações de contato entre línguas maciço, as variedades populares do português no Brasil passaram, com maior ou menor intensidade, por um processo de TLIL, que se caracteriza principalmente pela simplificação morfológica (LUCCHESI, 2009 e 2015). Nas fases pretéritas do PPB, o uso do subjuntivo deve ter sido reduzido drasticamente, predominando o uso das formas morfológicamente não marcadas do indicativo.

Tendo como base o Gráfico 1, os resultados indicam uma mudança em curso, que foi mais acelerada entre as décadas 1950/60 e as décadas de 1970/80, a partir daí a mudança prossegue em um ritmo bem mais lento. Os resultados referentes à faixa etária corroboram a hipótese de Lucchesi (2015) de que os contornos que definem atualmente a polarização sociolinguística do Brasil tiveram início com os processos de urbanização e industrialização da década de 1930, o que desencadeou um processo de mudança linguística nas classes populares em direção aos modelos da norma urbana culta.

**Gráfico 1** – O uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais, no português popular do município de Santo Antônio de Jesus – Ba, segundo a variável *faixa etária*, com base nos pesos relativos





Carvalho, Araújo e Neto (2017), ao analisar o uso variável do presente do subjuntivo nos contextos de orações substantivas e orações dubitativas com *talvez*, na norma culta de Fortaleza, com base em 17 entrevistas, observaram que, com a variável Faixa etária, o presente do subjuntivo é desfavorecido pelos falantes das Faixas I e III configurando que há uma *variação estável* no emprego do modo subjuntivo nesse contexto, conforme pode ser observado na Tabela 11:

**Tabela 11** – O uso do presente do subjuntivo na norma culta de Fortaleza, em função da variável faixa etária

Faixa Etária	Nº de ocor./Total	Frequência	Peso Relativo
I-22 a 35 anos	14/82	17,1%	0.36
II-36 a 49 anos	28/105	26,7%	0.63
III- 50 anos em diante	22/81	27,2%	0.46
<b>TOTAL</b>	<b>64/268</b>	<b>23,9%</b>	-

Fonte: Tabela retirada de Carvalho, Araújo e Neto (2017, p. 99)

Portanto, enquanto na análise do português popular aqui apresentada, observa-se uma *mudança em progresso* no sentido do incremento do uso das formas do subjuntivo, na norma culta o quadro seria de uma *variação estável*. Essa diferença nas tendências de variação e mudança na norma culta e popular, dentro dos parâmetros estabelecidos na análise sociolinguística em *tempo aparente* (LABOV, 1972, 1994), compõe também o quadro de polarização sociolinguística do Brasil proposto por Lucchesi (2015). Para além da diferença nas frequências de uso das variantes linguísticas, a polarização sociolinguística também se caracteriza pelas diferenças na avaliação social das variantes linguísticas e pelas diferenças nas tendências de variação e mudança que se observam entre a norma culta e norma popular. Assim, os resultados aqui apresentados atestam que, enquanto na norma culta se observa um quadro de variação estável quanto ao uso das formas do subjuntivo, observa-se na norma popular uma tendência de mudança no sentido do incremento do uso das formas desse modo verbal, configurando-se também nesse plano uma situação de polarização sociolinguística.

## Considerações finais

A análise sociolinguística da variação no emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia, com base em uma amostra de fala vernácula de indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade do município de Santo Antônio de Jesus, revelou um processo de mudança em progresso, no qual as formas do subjuntivo são mais frequentes na fala dos indivíduos de menor idade. Essa variação é fortemente condicionada por fatores estruturais.

No plano do encaixamento na matriz mais ampla da estrutura linguística, observou-se que as formas do modo subjuntivo são mais frequentes em duas situações: (i) uma de base morfológica, em que o uso das formas de subjuntivo são mais empregadas com verbos regulares, demonstrando que, em uma situação pretérita, no processo de formação sócio-histórica da variedade popular, houve uma eliminação da alomorfa, que caracteriza a flexão dos verbos irregulares; (ii) outra de base semântica, em que o contexto de irrealidade tende a favorecer o uso do modo subjuntivo.

No plano do encaixamento social, observou-se que o uso do modo subjuntivo aumenta, à medida que se passa da faixa dos falantes mais velhos para a faixa dos falantes mais novos. Esse quadro de mudança em progresso, no qual o uso das formas marcadas do subjuntivo está penetrando na comunidade de fala analisada, corrobora a hipótese de que a ampla variação no uso das formas marcadas do subjuntivo para expressão da irrealidade teve sua origem no processo de TLIL, quando as variedades de português faladas pelos índios aculturados e africanos escravizados foi se convertendo na língua materna dos seus descendentes, dando origem ao que se denomina hoje *português popular brasileiro*. Nesse processo de TLIL, as formas gramaticais de valor semântico mais abstrato, ou sem valor informacional, têm o seu uso muito reduzido. Foi o que afetou o emprego das formas do subjuntivo no passado.

Porém, ao longo do século XX, com a industrialização e a urbanização do país, os descendentes dos primeiros índios e africanos foram-se inserindo no mercado de trabalho e de consumo, sendo atingidos

pela ação do sistema público de ensino e dos meios de comunicação de massa. No plano linguístico, isso desencadeou um processo de nivelamento linguístico, no qual os padrões de uso forjados no passado pela TLIL foram se alterando em função dos padrões hegemônicos nos grandes centros urbanos, que exercem grande influência sobre todas as regiões do país. Assim, a análise aqui apresentada mostrou que o uso das formas verbais do subjuntivo está aumentando nos segmentos populares do interior do Estado da Bahia, em função da influência linguística da capital, a cidade de Salvador.

Esse nivelamento linguístico da norma popular atua como fator estruturante da polarização sociolinguística do país, pois a norma popular se distingue da norma culta da elite letrada, não apenas pela frequência de uso das variantes linguísticas, mas também pela diferença na avaliação social dessas variantes linguísticas e nas diferentes tendências de variação e mudança, de acordo com a formulação de Lucchesi (2015). No que concerne ao uso do subjuntivo, essa diferença também foi constatada aqui, pois o estudo de Carvalho, Araújo e Neto (2017) diagnosticou um quadro de variação estável em relação ao uso das formas do subjuntivo na norma culta de Fortaleza, enquanto esta análise sociolinguística do português popular do interior do Estado da Bahia encontrou indícios de uma mudança em progresso em favor do incremento das formas do subjuntivo.

Ao equacionar os condicionamentos atuais e históricos da variação no emprego do modo subjuntivo no português popular do interior do Estado da Bahia, esta análise variacionista buscou contribuir para uma melhor compreensão da formação e da atual configuração da realidade da língua no país. Porém, há vários outros aspectos do fenômeno em tela, como a variação no emprego do modo subjuntivo em orações completivas e orações relativas, que não foram explorados nesta análise e podem vir a se tornar objeto de futuras investigações.

### Referências bibliográficas

- BAKKER, Petter. 2008. Pidgins versus Creoles and Pidgincreoles. In: Kouwenberg, Silvia; Singler, John (eds.). *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 130-157.

- BAKER, Philip. 2000. Theories of creolization and the degree and nature of restructuring. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, I.; SCHNEIDER, E. (eds.). *Degrees of Restructuring in Creole Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 41-63.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. 1997. A relevância dos processos de pidginização e criolização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: *Estudos Lingüísticos e Literários* 19: 65-84.
- BICKERTON, Derek. 1981. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma.
- \_\_\_\_\_. 1984. The Language Bioprogram Hypothesis. *Behavioural and Brain Sciences*, Cambridge, n.7, p.173-203.
- \_\_\_\_\_. 1999. How to acquire language without positive evidence: what acquisitionists can learn from Creoles? In: DEGRAFF, Michel (ed.). *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*. Cambridge: The MIT Press. p. 49-74.
- BECHARA, Evanildo. 2006. *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. 2007. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.
- CARVALHO, H; ARAÚJO, A.; NETO, A. 2017. O uso do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar culto de Fortaleza. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 11, n. 19.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. 2007. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola.
- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell.
- LEFEBVRE, Claire. 1998. *Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 2001. Relexification in creole genesis and its effects on the development of the creole. In Smith, Norval; Veenstra, Tonjes (eds.). *Creolization and Contact*. Amsterdam: John Benjamins. p. 9-42.
- LUCCHESI, Dante. 2015. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. 2009. História do Contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA. p. 41-73.
- \_\_\_\_\_. 2001. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, pp.97-130. ISSN 0102-4450.<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000100005>.

- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. 2009. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA. p. 101-124.
- \_\_\_\_\_. 2006. Processos de criouliização na história sociolingüística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. p. 163-218.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). 2009. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EdUfba.
- MATTOSO, Katia. 2003. *Ser escravo no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense.
- MEIRA, Vivian. 2009. O emprego do modo subjuntivo. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA. p. 101-124.
- \_\_\_\_\_. 2006. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. UFBA: Salvador, 315f.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. 1986. *Pidgin & Creole linguistics*. Londres: Basil Blackwell.
- PIMPÃO, T. 2017. O subjuntivo não é apenas o modo da incerteza. *Revista Letrônica*, v.10, n.1.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Uso variável do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 350 f.
- \_\_\_\_\_. 2009. Presente do Subjuntivo e Presente do Indicativo: Um Encontro na História. *Work Paper Linguistic*, 10 (1): 1-16, Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 129f.
- SIEGEL, Jeff. 2008. *The Emergence of Pidgin and Creole Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- TAGLIAMONTE, Sali. 2006. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press.

VEENSTRA, Tonjes. 2008. Creole Genesis: The Impact of the Language Bioprogram Hypothesis. 2008. In: Kouwenberg, Silvia; Singler, John (eds.). *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 242-262.

Recebido em: 31/08/2018

Aprovado em: 09/02/2019